

CRISE DA *RATIO STUDIORUM* JESUÍTICA E O PENSAMENTO CARTESIANO: A CRÍTICA DE GIAMBATTISTA VICO

Liliane Severiano Silva*
lilidesade@yahoo.com.br

Resumo: Ao longo deste trabalho buscamos compreender a crítica de Giambattista Vico ao primado das idéias claras e distintas do cartesianismo, tendo como base os seguintes escritos: a sua *Autobiografia*, pois em tal escrito Vico realiza um diagnóstico da mudança no *status* cultural napolitano com o advento do pensamento de René Descartes. Vico destaca que, em tal mudança, se deu o completo esquecimento dos saberes humanísticos renascentistas. Em seguida, o *De ratione*, em que Vico pensa a situação do método dos estudos de seu tempo, comparando vantagens e desvantagens em relação ao método, quer dos antigos, quer dos modernos. Aqui ele alerta contra os potenciais prejuízos para a mentalidade da juventude, quando se despreza os estudos humanísticos, a saber: poesia, história, retórica, as línguas, a prudência civil. Por fim, em seu *De antiquissima*, podemos observar a sua crítica ao dogmatismo cartesiano valendo-se do procedimento filológico, a fim de resgatar, por meio da língua latina, outro critério de verdade. Vico anuncia em tal obra o princípio do *verum-factum* que trata da relação entre o *verdadeiro* e o *feito*, constituindo um princípio fundativo em que, para se chegar ao conhecimento da verdade, é preciso considerar o *fazer*. Tal princípio se opõe ao *cogito* cartesiano, que nada mais é, segundo Vico, do que a demonstração da evidência do pensar humano em uma orientação subjetiva, constituído, pois, como critério universal de verdade.

Palavras-chave: Cartesianismo, estudos humanísticos, *verum-factum*.

* Mestranda em Filosofia na Universidade Estadual do Ceará (bolsista CAPES).

Resumé : Tout au long de ce travail, nous cherchons à comprendre la critique de l'état de Giambattista Vico par rapport aux idées claires et distinctes du cartésianisme, en se fondant sur les écrits suivants: son *Autobiographie*, car dans celle-ci Vico fait un diagnostic du changement dans le statut de la culture napolitaine, avec l'avènement de la pensée de René Descartes. Vico souligne que, dans un tel changement, il y a eu un effacement complet des savoirs humanistiques de la Renaissance. Ensuite, en *De ratione*, Vico travaille la situation de la méthode des études de son temps, en comparant les avantages et les inconvénients par rapport à la méthode, soit des anciens, soit des modernes. Ici, il met en relief les possibles dommages à la mentalité de la jeunesse quand elle méconnaît les études humanistes, à savoir: la poésie, l'histoire, la rhétorique, les langues, la prudence civile. Enfin, en *De antiquissima*, nous pouvons remarquer sa critique au dogmatisme cartésien en se basant sur la procédure philologique, afin de récupérer, par le biais de la langue latine autre critère de la vérité. Vico a annoncé que les travaux sur le principe du *verum-factum* qui traite de la relation entre le réel et fait, en constituant un principe qui, d'apprendre à connaître la vérité, nous devons envisager de le faire. Ce principe facultatif où, pour y arriver à la connaissance de la vérité, il faut considérer le *faire*. Tel principe s'oppose au *cogito* cartésien que pour Vico n'est qu'une démonstration de l'évidence de la pensée humaine dans une orientation subjective, qui consiste donc comme critère universel de la vérité.

Mots-clé : Cartesianisme, études humanistiques, *verum-factum*.

In realtà, tutto ciò che l'uomo può conoscere, come anche l'uomo stesso, è finito e imperfetto.

G. Vico, *De ratione*

Para efeito de melhor estruturação deste trabalho optamos por um procedimento que dispõe os argumentos em três momentos. O primeiro momento, intitulado *A viragem cultural napolitana: Vico e a sua Autobiografia* destacamos a importância da *Autobiografia* viquiana para uma crítica ao cartesianismo no contexto cultural da cidade de Nápoles, vigente nos séculos XVII e XVIII. Já o segundo se denomina *Sobre o método dos estudos antigo e moderno: a refle-*

xão no De ratione, pois, nesta oração, proferida por Vico em 1708, está presente uma reflexão sobre a situação dos estudos modernos em contraposição ao método dos estudos dos antigos sábios. Aqui Vico tenciona ponderar vantagens e desvantagens de ambos os métodos de estudos na formação educacional da juventude. Por fim, o terceiro momento propõe como tema central o princípio do *Verum ipsum factum: a crítica de Vico ao Cogito cartesiano*, objetivando apresentar o seu tratamento acerca da insustentabilidade do princípio da evidência racional do *cogito* cartesiano, como único princípio fundativo da verdade.

I A viragem cultural napolitana: Vico e a sua *Autobiografia*

A princípio o título de sua *Autobiografia (Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo)* induz o leitor a pensar que o conteúdo desta obra seja apenas uma narrativa de sua vida pessoal retratada minuciosamente por ele mesmo. Ao contrário, logo nas primeiras páginas esta impressão se desvanece, dando lugar ao seu verdadeiro conteúdo e objetivo, desenvolvido ao longo de suas páginas. Trata-se também de um diagnóstico da situação italiana após a viragem do *status* cultural no final do século XVII. Em suas páginas podemos identificar um Vico preocupado com as mudanças sofridas pela sua terra natal em um momento marcado pela efervescência de novos valores e formas de pensar.

O fundamento de sua preocupação é, pois, bastante compreensível. Afinal a Itália, e, em particular, Nápoles vivenciavam uma renovação intelectual fortemente influenciada pelo intenso afluxo das idéias cartesianas. As inovações eram observadas em todos os ramos do saber. Temas como o cientificismo baconiano, o materialismo de inspiração inglesa de Hobbes, teoria política de Locke, racionalismo de Leibniz constituíam as tendências do pensamento filosófico moderno. Poesia, jurisprudência, medicina, literatura, física, religião, enfim, todos os campos de saberes sofreram mudanças profundas nesse período.

Ademais, até pouco antes, a Itália fora o berço e o principal expoente da cultura retórica do Humanismo Renascentista, o qual valorizava sobremaneira o saber erudito como pilar de sustentação da vida ativa em sociedade. O texto autobiográfico de Vico constitui, nesse sentido, um escrito de importância documental, uma vez que retrata o momento da guinada cultural napolitana. No entender de Vico, o cartesianismo,

Na unidade de suas partes, de nada consta em um sistema a filosofia de Descartes, porque a sua física conviria uma metafísica que estabelece um único gênero de substância corpórea, operante, como se diz, por necessidade, como a de Epicuro um único gênero de substância corpórea, operante por acaso; assim como bem convém Descartes com Epicuro, que todas as infinitas várias formas dos corpos são modificações da substância corpórea, que em substância, nada são.¹

Para Vico, o cartesianismo constitui um elemento relevante da cultura napolitana deste momento. É claro que também podemos dizer que houve forte adesão, por parte dos intelectuais italianos, às idéias cartesianas (tais como Gregório Caloprese, Tommaso Cornélio, este último considerado o introdutor da filosofia cartesiana em Nápoles). É aqui que a reflexão de Vico representa uma opo-

¹ Vico, G. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, p. 15: Ver original: “nell’unità delle sue parti, di nulla costa in un sistema la filosofia di Renato, perchè alla sua fisica converrebbe una metafisica che stabilisce un solo genere di sostanza corporea, operante, come si è detto, per necessità, come a quella di Epicuro un sol genere di sostanza corporea, operante a caso; siccome in ciò ben conviene Renato con Epicuro, che tutte le infinite varie forme de’corpi sono modificazioni della sostanza corporea, che in sostanza son nulla”. Esclarecemos que todas as obras aqui citadas não possuem correspondência em português, daí utilizarmos os originais em italiano da edição de 1971 do volume intitulado *Opere Filosofiche*, no qual se encontram as obras de Giambattista Vico aqui estudadas. Todas as traduções das passagens são de responsabilidade da autora deste trabalho. Nesse sentido, as citações apresentarão no rodapé os seus respectivos correspondentes no idioma original.

sição ao primado cartesiano do saber, na medida em que ele se reporta a uma tradição filosófica esquecida. Daí Vico argumentar:

A metafísica foi considerada digna de permanecer enclausurada; de Platão somente era utilizado na poesia, ou para ostentar erudição. Se condenava a lógica escolástica, e se aprovava em seu lugar os *Elementos* de Euclides. A medicina caiu no ceticismo, permanecendo na catalepsia, ou seja, incompreensão do verdadeiro acerca da natureza dos mortos. A galênica deu tantos médicos incomparáveis pela grande ignorância dos seus sequazes destes tempos caiu em um supremo desprezo.²

Este posicionamento de Vico pode ser identificado como uma reação ante o esquecimento por parte dos doutos de sua época, com relação à tradição em vigor no *Cinquecento*,³ e o escrutínio da unilateralidade do cartesianismo que, com o seu caráter de novi-

² Idem, p. 16-17: “La metafísica era ella riputata degna di star racchiusa ne’ chiostri; e di Platone si arrecava alcun luogo in uso della poesia, o per ostentare un’erudizione da memoria. Si condannava la logica scolastica, e si approvava riporsi in dei luogo gli *Elementi* di Euclide. La medicina era decaduta nello scettismo, a stare sull’acatalepsia o sia incomprendevolità del vero circa la natura dei morbi.(...) Agalenica, la quale, coltivata innanzi con la filosofia greca e con la lingua latina, aveva dato tanti medici incomparabili per la grande ignoranza dei suoi seguaci di questi tempi era andata in sommo disprezzo”.

³ Sobre tais mudanças do *status* cultural na politano, Vico comenta: “o século XV havia elencado na ordem mais sublime da literatura os Marsili Ficini, os Pico della Mirandola, juntamente com os Augustini e Nifo e Steuchio, os Giacopi Mazzoni, os Alessandro Piccolomini, os Mattei Aquavivi, os Franceschi Patrizi, e conferiu à poesia, à história, à eloquência, que a Itália parecia até a Grécia em seu tempo mais douto e bem falante”. (Cf. Vico, G. *Vita*, p. 16: “nel Cinquecento aveva allogato nell’ordine più sublime della letteratura i Marsili Ficini, i Pici della Mirandola, amendue gli Augustini e Nifo e Steuchio, i Giacopi Mazzoni, gli Alessandri Piccolomini, i Matei Aquavivi, i Franceschi Patrizi, ed aveva tanto conferito alla poesia, alla storia, all’eloquenza, che tutta Grecia, nel tempo che fu più dotta e ben parlante, sembrava essere in Italia risurta”).

dade, dominou o pensamento filosófico do fim do século XVII e o início do século XVIII. A preocupação de Giambattista Vico ultrapassa o seu momento presente, pois alerta contra os danos que podem afetar a cultura e a vida civil. Nesse sentido, surge a necessidade de uma reforma do modelo de saber que deveria preparar o jovem para a vida civil: tema melhor explorado na sua dissertação *De nostri temporis studiorum ratione*, editado em 1708.

II Sobre o método dos estudos antigo e moderno: a reflexão no *De ratione*

O pensamento filosófico europeu, no alvorecer do século XVIII, vivenciava em toda a sua plenitude o método de estudos desenvolvido por René Descartes (1596-1650). Desde meados do século anterior a filosofia cartesiana havia se estabelecido como via confiável para se atingir o conhecimento da verdade pura. Tal como uma equação matemática o *cogito, ergo sum* (*penso, logo existo*) era tido o reto caminho de apreensão do verdadeiro conhecimento. Assim se esboçava a filosofia europeia desse período.

Em meio à eferescência do cartesianismo, na contramarcha deste movimento, Giambattista Vico, então professor da cátedra de Retórica da Universidade de Nápoles, fazia saber à juventude estudantil de seu curso a sua oração *De nostri temporis studiorum ratione* (*Sobre o método dos estudos do nosso tempo*). Tal oração, proferida em 18 de outubro de 1708, traz em seu interior uma reflexão acerca do método de estudos empregado pelos doutos de seu tempo, comparando-o com aquele utilizado pelos antigos. O argumento desta obra, exposto sob a forma da indagação sobre *qual método de estudos é o mais correto e melhor, o nosso ou o dos antigos?*⁴ encerra em si uma inquietação do filósofo ante a situação cultural por ele

⁴ Vico, G. *De nostri temporis studiorum ratione*, p. 790: “quale metodo degli studi è più corretto e migliore, il nostro o quello degli antichi?”.

vivenciada com relação aos conteúdos formadores da mentalidade jovem italiana.

Herdeiro da cultura retórica prevalente no Humanismo Renascentista, o qual valorizava o saber erudito como um pilar de sustentação da vida prática em sociedade, Vico observa que a supremacia do método analítico moderno acarretou um abandono da tradição retórica, cujo berço havia sido a Itália. Daí Vico anunciar a problemática da formação da mentalidade do indivíduo inserido na vida prática. Segundo o pensador, uma formação intelectual adequada deve orientar o agir na vida civil, objetivando a conservação da vida humana associada.

A preocupação viquiana é, antes de qualquer coisa, com o método de estudos moderno utilizado sob uma orientação unilateral, tal como apresenta a seguinte passagem:

a crítica nos dá a primeira verdade da qual estamos certo no próprio ato de duvidar.(...) A análise, pois resolve com método maravilhosamente simples problemas geométricos insolúveis para os antigos. E os antigos se serviram da geometria e da mecânica como de instrumentos da física, mas não sempre; os nossos servem-se dela sempre.⁵

Uma vez que a concepção da formação intelectual do indivíduo deve servir de orientação à convivência social, Vico ressalta a importância do senso comum [*sensu comune*], compreendido como uma instância primeira na aquisição de uma sabedoria prática. Segundo Vico: *a primeira coisa formada nos adolescentes é o senso*

⁵ Idem, p. 792-794: “La critica ci dà quel primo vero del quale si è certi anche nell’atto di dubitare.(...)L’analisi poi resolve con metodo meravigliosamente semplice problemi geometrici insoluti presso gli antichi. E gli antichi si servirono della geometria e della meccanica come di strumenti della fisica, ma non sempre; i nostri se ne servono sempre”.

*comum, a fim de que, juntamente com a maturidade, com o tempo da ação prática, não prorrompam em ações estranhas e insólitas.*⁶

O método analítico moderno, ao exigir um distanciamento das contingências que podem afetar o processo de evidência da verdade, compreendida como único fim, implicou na supressão do senso comum, agora desnecessário para se atingir a verdade. O desprezo pela realidade está no bojo da nova crítica, já que agora somente ela é necessária à apreensão do único fim almejado pelos estudiosos de seu tempo. As verossimilhanças inerentes ao convívio humano não possuem mais relevância teórica. Nesse sentido, Vico sustenta:

nós iniciamos todos os estudos pela crítica, a qual, para liberar a verdade genuína não somente de cada erro, mas também do que pode suscitar a mínima suspeita de erro, prescreve que tenhamos distanciado da mente todas as verdades secundárias, ou seja, os verossímeis.(...) Todavia é um equívoco: de fato a primeira coisa formada nos adolescentes é o senso comum.⁷

Ao confrontar as vantagens e desvantagens de ambos os métodos de estudos, Vico atenta também para a incompletude da *tópica*, método amplamente utilizado pelos antigos. A *tópica* possuía um caráter de formação geral, tendo em vista uma orientação que privilegiasse a constituição dos argumentos formadores das facul-

⁶ Idem, p. 796: “la prima cosa che va formata negli adolescenti è il senso comune, affinché, giunti con la maturità al tempo dell’azione pratica, non prorrompano in azione strane e inconsuete”.

⁷ Ibidem: “noi iniziamo tutti gli studi dalla critica, la quale, per liberare la verità genuina non solo da ogni errore, ma anche da ciò che può suscitare il minimo sospetto di errore, prescrive che siano allontanati dalla mente tutti i secondi veri, ossia i verossimili(...). Tuttavia è sbagliato: infatti la prima cosa che va formata negli adolescenti è il senso comune”.

dades relacionadas ao julgar corretamente, como por exemplo, a prudência civil.

O método moderno, cujo objetivo se concentra na incessante busca pela clareza e distinção das demonstrações lógicas, declarou a tópica como prescindível no processo do conhecimento. Neste momento, a importância do saber residia no distanciamento da influência do sensível bem como de outras faculdades não-intelectivas, como a memória, a fantasia e o engenho, pois estas constituem obstáculos no percurso de esclarecimento da verdade. Aqui consiste a característica puramente teórica do método de estudos moderno. O mundo civil, permeado de incertezas, não permite a utilização das idéias claras e distintas, pois se trata apenas do universo do provável.

A utilidade da ciência estava, ao contrário, voltada para saberes como a matemática e a geometria aplicadas ao conhecimento da realidade física e suas leis universais e imutáveis. O fascínio pela certeza indubitável, que caracteriza o método analítico moderno, implicou na desvalorização das questões relativas ao provável, ao circunstancial, relativos à vida prática.

A tópica dos antigos objetivava um saber que orientasse o indivíduo exatamente no sentido de guiá-lo no enfrentamento das vicissitudes típicas do convívio em sociedade. O conhecimento do lugar dos argumentos adquiridos pelo método tópico estava direcionado para o agir prático no âmbito da vida civil. O agir adequadamente está inserido em uma preocupação política, aqui compreendida como um reforço da vida social e de seus vínculos, mantenedores da vida associada. A faculdade da eloquência, ou seja, a capacidade de articulação das idéias no momento do discurso é um aspecto contemplado pelo método tópico. Isto justifica a afirmação de Vico:

aqueles que são exercitados na tópica,(...) conhecem todos os lugares dos argumentos, como se percorressem os ele-

mentos da escritura, possuem a experiência de ver prontamente o que esta implícito em cada causa.⁸

Vico observa então que a sabedoria prática termina ameaçada com a desvalorização do método tópico de estudos após o emprego da analítica moderna, como único critério válido para a aquisição do conhecimento. A educação estava voltada para a crítica e o conhecimento do mundo físico submetido ao sistema lógico-dedutivo do cartesianismo. A reflexão acerca de ambos os métodos de estudos conduz Vico a pensar um método que objetivasse a formação completa do indivíduo, ou seja, a precedência da tópica em relação à crítica, porém ambas são contempladas em momentos distintos. Daí Vico argumentar:

ambos os métodos de raciocinar são defeituosos; tanto o dos tópicos, porque freqüentemente assumem por verdadeiras coisas falsas o dos críticos que desprezam também o verossímil. Pois, para evitar os dois excessos, recomendaria instruir os jovens em todas as artes e ciências com juízo integral.⁹

Esta passagem nos permite compreender que não somente a crítica moderna provoca a emergência de um saber sob uma orientação unilateral. O método tópico dos antigos também possui imprecisões que, no entender de Vico, aliada a uma formação crítica posterior, fornece ao indivíduo os elementos necessários para a vida ativa em sociedade.

⁸ Idem, p. 798: “quelli che sono esercitati nella topica, (...) conoscono tutti i luoghi degli argomenti, come se percorressero gli elementi della scrittura, hanno ormai esperienza di vedere subito ciò che di persuasivo è implicito in ogni causa”.

⁹ Idem, p. 800: “entrambi i metodi di ragionare sono difettosi: quello dei topici, perchè spesso assumono per vere cose false e quello dei critici che respingono anche il verossimile. Quindi, per evitare i due eccessi, sarei d’avviso d’istruire i giovani in tutte le arti e scienze con giudizio integrale”.

O alerta viquiano em relação ao método de estudos do seu tempo opunha-se ao fato de se iniciar prematuramente com a crítica a mentalidade ainda jovem. Isto podia acarretar um descompasso insolúvel na formação do modo de pensar e conseqüentemente de agir do indivíduo na sociedade. A vida civil termina ameaçada em seu aspecto mais tênue, pois o enrijecimento do juízo prejudica as faculdades humanas mais espontâneas e primitivas: tais como o engenho, a memória e a fantasia. Os danos contra tais faculdades causam a fragilização da capacidade de aprendizado dos saberes relativos à moral, à prudência, responsáveis pela vida em comum.

III O *verum ipsum factum*: a crítica de Vico ao *Cogito cartesiano*

Seguindo agora o escrito *De antiquissima italorum sapientia ex linguae latinae originibus eruenda* (*Sobre a sabedoria dos antigos italianos extraída das origens da língua latina*), de 1710. Aqui o olhar crítico viquiano obedece a uma outra orientação. Nesta obra, ele tenciona contrapor a irrefutabilidade do modelo de ciência de seu tempo a uma investigação de um princípio de verdade que considere os limites do conhecimento humano. Vico compreende que a ciência produzida pelo homem apresenta limitações com relação àquilo que pode ser conhecido, tal como o mundo físico.

Vico alerta em seu *De antiquissima* para a unilateralidade da analítica moderna por esta ter a pretensão de encerrar em si todas as possibilidades do conhecimento humano. Para ele, uma postura de dúvida em detrimento de outras noções pode trazer prejuízos para a consolidação do mundo civil. O princípio do *cogito ergo sum*, norteador do ideal científico desta época, é considerado o critério perfeito de investigação da verdade. Vico defende que:

Os dogmáticos do nosso tempo duvidam de todas as verdades, menos da metafísica, e não somente daquelas concernentes à vida prática, como as morais e as mecânicas, mas também das físicas e das matemáticas. Declaram que somen-

te a metafísica nos dá uma verdade livre de dúvidas, e desta, como que de uma nascente, derivariam as verdades secundárias das outras ciências.¹⁰

Em oposição ao critério do *cogito*, Vico expõe o princípio do *verum ipsum factum* (*o verdadeiro é o feito*). Para tanto Vico empreende um trabalho de reconstrução de uma pretensa sabedoria de povos que habitaram o território italiano em uma época remota, com base em uma análise filológico-filosófica¹¹ de alguns termos doutos. Este princípio revela uma característica ontológica fundamental inerente à natureza humana, a saber, o *fazer* (*facere*). A dimensão do fazer (*facere*) aqui é entendida como a capacidade de reunir elementos por parte da mente humana na sua limitação do conhecimento das coisas que ela não produziu, a saber, o mundo da natureza física construída por Deus.

Vico atenta para os limites do conhecer humano: para o cartesianismo importa somente o conhecimento da verdade pura e

¹⁰ Vico, G. *De antiquissima italorum sapientia*, p. 70: “I dogmatici dell nostro tempo dubitano di tutte le verità, esclusa la metafisica, e non solo di quelle che riguardano la vita pratica, come le morali e le mechaniche, ma anche delle fisiche e delle matematiche. Dichiarano infatti che soltanto la metafisica ci dà un vero esente di dubbio, e da quello, come da una sorgente, deriverebbero i secondi veri nelle altre scienze”.

¹¹ A importância da Filologia permanecerá ao longo de sua obra veja-se, por exemplo, o *Diritto Universale* de 1720, no qual Vico distingue a função socializante da linguagem, tal como nos dizeres de Cantelli. (CANTELLI, Gianfranco. *Dalla lingua eroica del Diritto Universale alla lingua divina della Scienza Nuova*. In: *Giambattista Vico nel suo tempo e nel nostro*. Napoli: Cuen Editore, 1999, p. 317): “a linguagem: um terceiro termo artificial, uma criação, uma obra de arte suprema, uma realidade inventada pelo homem para conectar as outras duas partes da sua natureza. A linguagem, isto é, a unificação cultural da oposição, intrínseca por natureza, entre alma e corpo”. [“Il linguaggio: un terzo termine artificiale, una creazione, un’opera d’arte suprema, una realtà inventata dall’uomo per connettere insieme tutte le altre due parti della sua natura. Il linguaggio, cioè l’unificazione culturale dell’opposizione, intrinseca per natura, tra anima e corpo”].

seus princípios. A busca pelo *primo vero* (*verdade primeira*) é o ideal de sabedoria da Modernidade. Porém, a arquitetônica da natureza somente pode ser conhecida por Deus (o *primo facitore*), pois foi Ele quem fez o mundo físico e se encontra na sua mente a ciência das coisas físicas. Ao homem cabe somente o conhecer. As palavras *verum* e *factum* querem dizer a mesma coisa, ou seja, se convertem, já que para os antigos sábios da Itália o verdadeiro residia no feito:

o verdadeiro se identifica com o feito; em conseqüência a verdade primeira está em Deus porque Deus é o primo facitore (...) a mente humana enquanto limitada, e enquanto estão fora dela todas as outras coisas pode somente amontoar os elementos extremos de todas as coisas(...)Portanto é partícipe da razão, não senhora.¹²

A dimensão do “fazer” (*facere*) em Vico já havia sido antedepo no *De ratione*. Na seguinte passagem: “(...) demonstramos as coisas geométricas porque as fazemos; se pudéssemos demonstrar as coisas físicas, as faríamos”.¹³ Naquele escrito – tal como vimos anteriormente neste trabalho – Vico destaca a importância do “senso comum” como primeira instância fundamental no processo de consolidação do mundo civil. A humanidade está em contínuo fazer da vida comum; e desconsiderar a verossimilhança intrínseca à vida social é, segundo Vico, uma prática equivocada quando se objetiva fundar um critério que tem a pretensão de ser o primeiro. Daí Vico defender:

o grande pensador da metafísica prescreve a qualquer pessoa que deseje se iniciar nos sacros mistérios desta purificar-

¹² Idem, p. 62: “il vero si identifica col fatto; di conseguenza il primo vero è in Dio, perchè Dio è il primo facitore (...) la mente umana, in quanto limitata, e in quanto sono fuori di lei tutte le altre cose può soltanto andare ad accozzare gli elementi estremi delle cose. (...) Pertanto è partecipe della ragione, non padrona”.

¹³ Vico, G. *De nostri temporis studiorum ratione*, p. 802: “(...) dimostriamo le cose geometriche perchè le facciamo; se potessimo dimostrare le cose fisiche, noi le faremmo”.

se não somente das persuasões (os assim ditos prejuízos) concebidos desde a infância através do falaz ensino dos sentidos, mas também de todas as verdades apreendidas das outras ciências. E uma vez que não temos o poder de esquecer, precisa segundo ele se dispor a escutar os metafísicos com a mente reduzida se não propriamente à tábula rasa, mas pelo menos tal como um livro enrolado, que se alargue em direção a uma luz melhor.¹⁴

A *ciência* humana está, pois, identificada para Vico como o esforço de compreensão do sentido de uma realidade exterior à mente humana, cuja existência material natural independe de mecanismos abstratos oriundos de um processo puramente racional-dedutivo. O vínculo entre *verum* e *factum* não expressa somente uma questão de mero significado entre dois termos. A identificação entre eles diz respeito a uma noção muito mais ampla e Vico foi buscar essa amplitude nos antigos sábios da Itália, tal como ele diz na seguinte passagem:

Em latim *verum* e *factum* possuem relação recíproca, ou, na linguagem corrente das Escolas, se convertem. (...) em conseqüência, o primeiro verdadeiro está em Deus, porque Deus é o primeiro feitor; este primeiro verdadeiro é infinito, enquanto feitor de todas as coisas; (...) a mente humana, enquanto limitada, e enquanto estão fora dela todas as outras coisas que não seja ela mesma, pode somente investigar os elementos extremos das coisas. (...) o verdadeiro humano é aquilo que o homem compõe e faz no momento mesmo em

¹⁴ Idem, p. 70: “il grande pensatore della metafísica prescrive a chiunque voglia essere iniziato ai sacri misteri di questa di purificarsi non soltanto delle persuasioni (i cosiddetti pregiudizi) concepite sin dall’infanzia tramite il fallace insegnamento dei sensi, ma anche da tutte le verità apprese dalle altre scienze. E poichè non abbiamo il potere di dimenticare, bisogna secondo lui disporsi ad ascoltare i metafísicos, com mente ridotta se non proprio a tavola rasa, per lo meno a guisa di libro arrotolato, che si dispieghi poi ad una luce migliore”.

que o apreende. E assim, a ciência é a consciência do gênero ou modo em que a coisa se faz.¹⁵

O modelo de ciência sustentado pelo cartesianismo, o qual privilegia o princípio da evidência racional, é segundo Vico, considerado unilateral, haja vista a presença de um primado universalizante. O saber cartesiano, ao postular um ideal de apreensão do conhecimento das coisas físicas por meio da concepção de verdades puras *a priori* exclusivamente racionais, se apresenta frágil e insuficiente. Para Vico, as dimensões do *conhecer* e do *construir* se articulam numa concepção de saber essencialmente humana. A limitação apresentada pela mente humana diz respeito à sua não-capacidade de construção de uma realidade natural física; no entanto, contém em si a capacidade de construir instrumentos que possibilitem a compreensão extrínseca dessa realidade.

IV À guisa de conclusão

Com base nas considerações acima expostas podemos inferir que a crítica de Vico não tencionava destituir a filosofia cartesiana de seu valor. Tratava-se, antes de qualquer coisa, de uma reflexão acerca da unilateralidade de seu tratamento no que concerne à busca por um fundamento que contemple as verossimilhanças inerentes à mente humana é essencial a um ideal de ciência que se pretenda humano. Vico atentou para a orientação reducionista do

¹⁵ Idem, p. 70: “In latino *verum* e *factum* hanno relazione reciproca, ovvero, nel linguaggio corrente delle Scuole, si convertono. (...) di conseguenza il primo vero è in Dio, perché Dio è il primo facitore; codesto primo vero è infinito, in quanto facitore di tutte le cose; (...) la mente umana, in quanto limitata, e in quanto sono fora di lei tutte le altre cose che non siano essa stessa, può soltanto andare ad accozzare gli elementi estremi delle cose. (...) il vero umano è quello che l'uomo compone e fa nel momento stesso in cui lo apprende. E così la scienza è la conoscenza del genere o modo in cui la cosa si fa”.

paradigma desse saber, ao observar a extrema valorização do método lógico-matemático apregoado pelo cartesianismo. Vico observa, sobretudo, que os danos desta prática de saber pode ser sentida, em particular, no âmbito daquelas faculdades responsáveis pela compreensão do homem em sua integralidade antropológica, antes mesmo de qualquer ideal de busca por uma certeza infalível. A reflexão viquiana considera que anteriormente à capacidade racional, presente no ser humano, existem outras características de suma importância quando o consideramos em uma dimensão mais abrangente, por exemplo, a construção de vínculos entre os demais indivíduos. Nesse sentido o saber humano não deve se restringir a um único fim, nem tampouco o conhecimento deve se submeter a uma só via, tal como ocorre em uma fórmula matemática; mas que deva servir de instrumento a fim de nortear as ações humanas em sociedade.

Bibliografia

CANTELLI, Gianfranco. *Dalla lingua eroica del Diritto Universale alla lingua divina della Scienza Nuova*. In: *Giambattista Vico nel suo tempo e nel nostro*. Napoli: Cuen Editore, 1999.

LAMACCHIA, Ada et alii. *Metafisica e nuova scienza nell'opera di Giambattista Vico*. In: *Metafisica e teologia civile in Giambattista Vico*. Bari: Levanti, 1992.

ROSSI, Paolo. *Introduzione*. In: VICO, Giambattista. *La scienza nuova*. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 1977.

VICO, Giambattista. *De antiquissima italorum sapientia* [1710]. In: *Opere Filosofiche*, Firenze: Sansoni, 1971.

_____. *De nostri temporis studiorum ratione* [1708]. In: *Opere Filosofiche*, Firenze: Sansoni, 1971.

_____. *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo* [1725-28]. In: *Opere Filosofiche*, Firenze: Sansoni, 1971.